



Reterritorializar, desterritorializar: *Quarenta Dias*, de Maria Valéria Rezende

To reterritorialize, to deterritorialize: *Quarenta Dias*, by Maria Valéria Rezende

Reterritorializar, desterritorializar: *Quarenta Dias*, por Maria Valéria Rezende

Bruno Santos Melo  
bsantosletras@gmail.com

#### Resumo

A literatura brasileira contemporânea, para além de um processo de representação, evidencia um conjunto de questões tanto de ordem coletiva quanto de cunho individual, ao passo que a problemática entre identidade e singularidade se acentua, observando que os grupos historicamente subalternizados tendem a lutar pela desestabilização ou horizontalização da homogeneidade que os reduz à figura do autêntico, quando, na realidade, dentro destes grupos há uma gama de singularidades. Frente a essas questões, neste artigo nos propomos a discutir, a partir do romance *Quarenta dias* (2014), de Maria Valéria Rezende, a força que a maternidade como identidade apriorística exerce sobre Alice, a personagem protagonista, e os engendramentos por ela empreendidos a fim de desestabilizar tais condicionamentos de natureza sócio-histórica atribuídos à figura da mulher de meia idade. Percebemos, pois, a desterritorialização e a reterritorialização como linhas de fuga e movimentos indispensáveis para o processo de construção de singularidades, que emancipam e inserem a protagonista em espaços para além da identidade apriorística. O percurso metodológico se configura como uma abordagem de cunho qualitativo e bibliográfico, a fim de interpretar o texto literário e traçar problemáticas referentes aos conceitos supracitados, resultando em uma leitura interdisciplinar do *corpus* em questão.

Palavras-chave: *Quarenta dias*, Maria Valéria Rezende, desterritorialização, reterritorialização.

#### Abstract

Contemporary Brazilian literature, in addition to a representation process, highlights a set of issues of both collective and individual nature, while the problem between identity and singularity is accentuated, noting that historically subordinate groups tend to struggle for destabilization or horizontalization of homogeneity that reduces them to an image of authenticity, when, in reality, within these groups there is a range of singularities. Faced with these issues, in this article we propose to discuss — starting off with the novel *Quarenta dias* (2014), by Maria Valéria Rezende — the force that motherhood as an a priori identity exerts over Alice, the main character, and the engendering undertaken by her in order to destabilize such conditionings of a socio-historical nature attributed to the figure of the middle aged woman. We perceive, therefore, deterritorialization and reterritorialization as escape opportunities and indispensable moves for the process of building singularities, which emancipate and insert the protagonist in spaces beyond the a priori identity. The methodological approach is qualitative and bibliographic, in order to interpret the literary text and trace problems related to the aforementioned concepts, resulting in an interdisciplinary reading of the chosen corpus.

**Keywords:** *Quarenta dias*, Maria Valéria Rezende, deterritorialization, reterritorialization.



### Resumen

La literatura brasileña contemporánea, además de un proceso de representación, pone de relieve un conjunto de cuestiones de naturaleza colectiva e individual, mientras que el problema entre identidad y singularidad se resalta, señalando que los grupos históricamente subalternizados tienden a luchar por la desestabilización o la horizontalización de la homogeneidad que los reduce a la figura de lo auténtico, cuando, en realidad, dentro de estos grupos hay un rango de singularidades. Frente a estos problemas, en este artículo proponemos discutir, a partir de la novela *Quarenta dias* (2014), de Maria Valéria Rezende, la fuerza que la maternidad como una identidad a priori ejerce sobre Alice, el personaje protagonista, y los engendros realizados por ella para desestabilizar tales condicionamientos de naturaleza sociohistórica atribuidos a la figura de la mujer de edad mediana. Percibimos, por lo tanto, la desterritorialización y la reterritorialización como líneas de vuelo y movimientos que son indispensables para el proceso de construcción de singularidades, que emancipan e insertan al protagonista en espacios más allá de la identidad a priori. La ruta metodológica se configura como un enfoque cualitativo y bibliográfico, con el fin de interpretar el texto literario y rastrear problemas relacionados con los conceptos antes mencionados, lo que resulta en una lectura interdisciplinaria del corpus en cuestión.

Palabras clave: *Quarenta dias*, Maria Valéria Rezende, desterritorialización, reterritorialización

### Introdução

O panorama literário brasileiro contemporâneo evidencia problemáticas que durante muito tempo foram lançadas à margem da crítica e do próprio fazer literário, já que o monopólio e a hegemonia elevavam ao mercado editorial determinada literatura, produzida por um grupo restrito de escritores de classe média alta. Dessa maneira, cristalizou-se culturalmente um perfil muito bem delineado de quem era o produtor de literatura e quais as temáticas eleitas para compor suas tramas e poéticas, de forma a ascender sempre o poderio de determinada classe em detrimento de outras.

Assim, muitas reflexões da atual produção literária corroboram com os próprios movimentos vivenciados na sociedade, de modo que os ideais que regem as lutas dos grupos minoritários reverberam na literatura, que se configura como um território que está em constante processo de contestação (DALCASTAGNE, 2012). Traça-se o caráter político que a literatura abrange, em que se instaura uma tensão a partir da inserção das vozes que foram silenciadas no decorrer da história, mas que agora fazem-se ouvidas, em denúncia aos modos de subalternização e violência simbólica a que foram submetidas.

Frente ao pensamento da literatura enquanto meio de inserir-se socialmente e problematizar identidades coletivas, as quais tendem a apagar as diferenças, destaca-se a produção de autoria feminina, na qual uma gama de temáticas vêm à tona, como raça, etnia, gênero, geração, dentre outras. A constituição de tais identidades carrega consigo



uma construção sociocultural que tende a estabelecer modos de ser e viver a partir de um modelo preestabelecido historicamente. Neste contexto, é válido destacar que um inconsciente coletivo se configura muitas vezes como forma de opressão e inferiorização do outro, ao passo que lança à margem os que não se adaptam aos perfis delimitados.

A partir de *Quarenta dias* (2014), romance elencado para este artigo, refletimos acerca de como a personagem protagonista, por volta de seus cinquenta anos, lida com a imposição social da identidade de “velha” aliada à maternidade, e traça para si linhas de fuga por meio de movimentos para fora do território, os quais contribuem de forma clara para a constituição de sua subjetividade. A partir da ideia de desterritorialização e reterritorialização, posta por Deleuze e Guattari (1996), destacamos como a saída de João Pessoa para Porto Alegre, embora compulsoriamente, contribui para a emancipação da personagem como mulher de meia idade, que não se reconhece nos traços pintados para si.

### Por entre territórios: o traçar das linhas de fuga como desestabilização de identidades apriorísticas

*Quarenta dias*, romance produzido pela escritora paraibana Maria Valéria Rezende e ganhador do prêmio Jabuti em 2015 nas categorias de melhor ficção e melhor romance, traz como protagonista Alice, uma professora de francês aposentada que reside em João Pessoa – PB. A personagem leva uma vida pacata e feliz, até o dia em que recebe uma visita inesperada da filha, de Porto Alegre, mencionando o desejo de tornar-se mãe e que seria indispensável a sua presença neste momento.

A narrativa nos evidencia que a relação mãe-filha durante muito tempo foi um tanto conturbada, sobretudo porque Aldenor, ex-marido de Alice e pai de Norinha, foi vítima do regime militar e desapareceu “misteriosamente”, deixando sua esposa e filha. Com isso, a protagonista precisa trabalhar, sendo necessário deixar a filha na casa de sua mãe, a fim de proporcionar-lhe uma vida melhor; no entanto, a menina-adolescente não consegue visualizar de forma empática a situação e cresce alimentando uma revolta contra a mãe pelas ausências, que se manifestava em ações corriqueiras, e que se repete com a



volta da filha para a casa maternal: “Quase não se sentava à mesa comigo, comia em pé na cozinha” (REZENDE, 2014, p. 23).

Frente a este contexto, e com o intuito de fragilizar a resistência que sua mãe tem em mudar-se para o Sul, a filha recorre ao passado como instrumento de persuasão e chantagem emocional, utilizando-se da memória enquanto forma de dominação, de modo que podemos evidenciá-la como “[...] uma pluralidade de sentidos em meio aos quais a enunciação se distribui segundo diferentes tempos, insinuando e definindo-se sob a aparência do mesmo acontecimento.” (SOUZA, 2000, p. 96).

Ao distribuir-se por diferentes tempos, distintas percepções podem ser observadas de um mesmo acontecimento, além do fato de ser possível guardar-se apenas o que se convém, tanto é que Norinha, mesmo após adulta, nega-se a enxergar que a ausência de sua mãe deu-se devido à busca por melhores condições de vida, ao passo que a personagem protagonista anula-se em diversos momentos para que a figura da sua filha possa ascender, já que carrega consigo uma culpa projetada por Norinha e, ainda assim, não tem dela o reconhecimento por tais ações.

Portanto, mesmo ciente de que as suas escolhas foram as mais resilientes para o momento que enfrentavam, a personagem passa a repensar os caminhos que traçou até então, já que sua filha pinta para ela traços de uma mãe ausente:

Foi pelas cicatrizes que ela me pegou e não largou mais, chantageando: por minha culpa ela tinha crescido praticamente sozinha, eu me ausentava, só pensando em trabalhar pra esquecer a tragédia da minha juventude, ela não tinha culpa de nada, fui eu que nem tive coragem de recomeçar a vida (REZENDE, 2014, p. 27).

A voz de Norinha é apenas um eco que reverbera uma série de discursos que se proliferaram acerca da constituição da identidade feminina, já que à mulher destina-se o espaço privado, enquanto ao homem, os espaços públicos (DEL PRIORE, 2006). Dessa forma, podemos elencar o ato de romper com o ambiente doméstico para desbravar o mercado de trabalho como um importante marco de resistência e de emancipação para a personagem, ainda que o fio condutor para esta realização tenha sido a ausência do masculino.



Alice é uma personagem que não tem a sua idade definida na narrativa, mas podemos afirmar, devido ao desenrolar das ações, que é uma mulher de meia idade, por volta dos cinquenta anos. Assim, atentando para a coletividade social, que delinea modos de ser e de se portar para os sujeitos sociais, podemos observar as projeções que a sociedade exerce sobre a personagem e esperam dela enquanto mulher “velha”.

Dessa forma, a vivência em grupos sociais, observando a perspectiva diacrônica que norteia a disseminação da cultura, tende a ser concebida a partir de padrões, de normatizações, de modo que se gera um estranhamento quando algum sujeito é dissonante de tais prescrições. Portanto, podemos perceber um conjunto de discursos que, em uma espécie de sacralização, ainda continuam sendo vistos majoritariamente como ditames, como afirma Foucault:

Suponho, sem ter muita certeza, que não há sociedade onde não existam narrativas maiores que se contam, se repetem e se fazem variar; fórmulas, textos, conjuntos ritualizados de discursos que se narram, conforme circunstâncias bem determinadas; coisas ditas uma vez e que se conservam, porque nelas se imagina haver algo como um segredo ou uma riqueza. (FOUCAULT, 2014, p. 21).

Em um contexto histórico-social que ainda evidencia delineamentos sobretudo de ordem de gênero, no qual há uma determinação identitária para a mulher, destacamos que a protagonista, por resistir às vontades da filha, as quais iam de encontro aos seus próprios desejos, passa a ser vista de forma pejorativa por aqueles que fazem parte de seu grupo social:

Você vai pra Porto Alegre, sim, e não se discute mais isso, todo mundo vê que é o melhor, é sua obrigação acompanhar sua filha única, só você é que não aceita, parece um jumento empacado na lama, continuar com uma besteira dessas. Eu cedi, vergonhosamente. (REZENDE, 2014, p. 34).

Embora não se veja representada na figura de avó, ainda mais na situação extrema em que é inserida, Alice, em meio ao emaranhado discursivo que a forja como uma péssima mãe pelo fato de cogitar a hipótese de não acompanhar a filha, resolve ceder às vontades de Norinha, mudando-se para Porto Alegre. Podemos destacar que a subjetividade que a personagem tenta, em um primeiro momento, criar para si é vista de maneira um tanto problemática, pois vai de encontro ao que a coletividade, a partir da reiteração de discursos de cunho machistas e patriarcais, espera de uma mulher, sobretudo



de meia idade: que seja casada, que se dedique ao lar e aos filhos, que seja avó, dentre outras prescrições.

Mediante a problematização da identidade enquanto forma de unidade, de autenticidade, podemos afirmar que “estamos em tal harmonia com os que nos circundam, que vibramos em uníssono e já não sabemos onde está o ponto de partida das vibrações, se em nós ou nos outros.” (HALBAWCHS, 2006, p. 64). A incerteza acerca do ponto em que se projetam tais identidades e as dimensões uníssonas que elas assumem evidenciam-se na narrativa em diversos momentos, como no questionamento de Alice acerca da identidade que a filha lhe atribui:

Eu não me reconhecia naquela mulher que ela pintava com traços e cores tão duros, não assumi as culpas que ela me lançava, resisti, calada. Não engoli a culpa que ela jogava pra cima de mim, mas também não revidei, nem sequer me defendi nem me desculpei. (REZENDE, 2014, p. 28).

Neste contexto, podemos refletir sobre a ideia de território, partindo das reflexões deleuze-guattarianas, em que se relacionam a este termo problemáticas como as estratificações sociais, as imposições e diversos outros tipos de sistematizações ou mesmo doutrinações, que corroboram para uma série de representações que tendem a evocar uma organicidade que se manifesta a partir de relações de interdependência com ideais como bem e mal, homem e mulher, dentre outros binarismos e formas de poder, que dialogam muito mais com a ideia de um pensamento arborescente do que com a noção de rizoma.

Deleuze e Guattari (1995), os “pensadores nômades”, propõem discussões que versam em torno da multiplicidade, do desprendimento da organicidade e do não comprometimento com os modos tradicionais de perceber a realidade a partir de um começo, meio e fim. No primeiro volume do *Mil Platôs*, evidencia-se a noção de Rizoma, o qual, partindo de conceitos-chave da botânica, é apresentado enquanto uma espécie de raiz que se insere abaixo ou rente à terra, a qual cresce irregularmente, infiltrando-se em um enredamento de nós e encontros, de modo que não se pode delimitar onde se iniciou ou aonde irá findar esse enraizamento.

Assim, pensa-se o Rizoma em conjunto com a noção de árvore (não enquanto binarismo, tendo em vista que na filosofia deleuze-guattariana não há, necessariamente, a ideia de dicotomia, já que os pares instituídos estão o tempo todo se interpenetrando), a



partir da ideia do modelo arbóreo, que representa uma estrutura verticalizada, com um caule e raízes profundas, mas sempre unilaterais. Essa estrutura é nutrida a partir de estratificações, de relações de poder, de imposições e normatizações.

Günzel, ancorado nas proposições dos filósofos nômades, afirma que

Um 'território' no sentido etológico é entendido como o ambiente de um grupo (por exemplo, uma matilha de lobos, uma matilha de ratos ou um grupo de nômades) que não podem ser localizados objetivamente, mas são constituídos pelos padrões de interação através do qual o grupo ou matilha garante uma certa estabilidade e localização”. (GÜNZEL, 1998, p. 5)<sup>1</sup>

A partir da ideia defendida por Günzel do território como um ambiente ou grupo que se constitui a partir das interações a fim de instaurar estabilidades, podemos evidenciar que em *Quarenta dias*, Alice encontra-se, no início da trama, imersa em um território, quer na ordem física ou simbólica, que persiste em lhe impor determinada identidade, a da mulher de meia idade que tem como obrigação instituída ser avó: “Em resumo, o certo pra ela era que eu, afinal, já tinha chegado ao fim da minha vida própria, agora o que me restava era reduzir-me a avó.” (REZENDE, 2014, p. 26).

Podemos afirmar que a figura de Norinha representa um dos principais eixos desse território instituído, de maneira que, a fim de haver uma possível remissão da culpa – que Alice sabe que não tem, mas cede a fim da realização da filha –, a protagonista institui, embora compulsoriamente, uma primeira linha de fuga, o processo de desterritorialização, que concomitantemente implica um outro processo, o de reterritorialização:

Eis então o que seria necessário fazer: instalar-se sobre um estrato, experimentar as oportunidades que ele nos oferece, buscar aí um lugar favorável, eventuais movimentos de desterritorialização, linhas de fuga possíveis, vivenciá-las, assegurar aqui e ali conjunções de fluxos, experimentar segmento por segmento dos contínuos de intensidades, ter sempre um pequeno pedaço de uma nova terra. (DELEUZE e GUATTARI, 1996, p. 22).

---

<sup>1</sup> Cf. o trecho original: “A 'territory' in the ethological sense is understood as the environment of a group (e.g. a pack of wolves, a pack of rats, or a group of nomads) that cannot itself be objectively located, but is constituted by the patterns of interaction through which the group or pack secures a certain stability and location”. (GÜNZEL, 1998, p. 5)



Desterritorializar-se e reterritorializar-se são movimentos exercidos várias vezes no decorrer da trama, de maneira que se faz relevante observarmos como estas ações e deslocamentos contribuem para a constituição da subjetividade da personagem, já que é a partir dessas linhas de fuga que o sujeito realiza novas percepções acerca da realidade que o cerca, bem como dos diversos modos de sistematização e hierarquização que tendem a homogeneizar as diferenças, a partir da identidade. Na sociedade contemporânea, sobretudo, em que os princípios de fluidez e multiplicidade regem os diversos modos de pensar, promovendo a valorização da alteridade e o reconhecimento do sujeito enquanto fragmentado, polifônico e dialógico, como nos lembra Bakhtin, empreender tais ações faz-se necessário, tendo em vista que é a partir dessas linhas de fuga que a saída do território se torna possível.

Alice, ao chegar ao apartamento que a filha preparou em Porto Alegre, recebe a notícia de que a possível gravidez precisaria ser adiada, pois Humberto, seu genro, foi contemplado com uma bolsa de pós-doutorado na Europa, o que ocasionaria ao casal a necessidade de passar de seis a oito meses fora do país. Na saída da Paraíba até a sua nova casa, todos os móveis e pertences da protagonista são vendidos em um *garage-sale*, a fim de custear as passagens aéreas, de forma que em nenhum momento Norinha consulta a mãe acerca da sua opinião frente a toda a situação. A única coisa que consegue resguardar é um caderno velho e amarelado, com uma imagem da boneca Barbie na capa:

Sei lá!, a isso, sim, eu resisti até o fim, agarrei-me com o caderno como a uma boia, vai ver que foi só mesmo pra dizer Não a alguém, fincar pé contra mais uma vontade alheia querendo tomar o controle daquela minha vida, já escapando feito água usada pelo ralo desde que me decidi, ou cedi? O caderno veio [...] pra me resgatar do meio dessa confusão que me engoliu. (REZENDE, 2014, p. 9).

A imagem do caderno pode ser lida como uma forma de resistência, em uma metáfora da própria subjetividade da personagem, que via “a derrocada da sua vida” (REZENDE, 2014, p. 8), mas optou por não esboçar nenhuma reação contra a filha. O objeto, por sua vez, se torna um diário, e à boneca Barbie são atribuídos traços humanos, tornando-a uma confidente dos monólogos-dialógicos da personagem. Nele, registram-se tanto as ações rotineiras quanto as memórias de Alice como a professora Póli: “O que



deixei pra trás, o que me obrigaram a deixar pra trás, lá ficou, na antiga vida da contente e pacífica professora Póli.” (REZENDE, 2014, p. 84).

Embora haja a tentativa, por parte da filha e da força exercida pelo território, de desenraizar a personagem tanto de sua subjetividade quanto de sua morada em prol de uma nova e melhor perspectiva de vida, “a memória de sua vida fica sendo uma das coisas [de] que o indivíduo não foi totalmente desapropriado.” (JEUDY, 1990, p. 123). Assim, recorrer à memória é um ato que faz a personagem estabelecer um contraponto entre as vivências que a forjaram enquanto sujeito até então e as novas experiências que passa a vivenciar em um processo de busca que empreende por um filho desaparecido de uma amiga, no período de tempo de quarenta dias. Toda a narrativa é evidenciada a partir da escrita diarística, de modo que ela se configura também como uma linha de fuga, tendo em vista que é uma forma encontrada pela personagem de transgredir e exteriorizar aquilo que sente e não pode ser conversado com ninguém além da Barbie:

E aqui estou vomitando nestas páginas amareladas os primeiros garranchos com que vou enchê-las até botar tudo pra fora e esconjurar toda essa gente que tomou conta de mim e grita e anda pra lá e pra cá e chora e xinga e gargalha e geme e mija e sorri e caga e fede e canta e arenga e escarra e fala e fode e fala e vende e fala e sangra e se vende e sonha e morre e ressuscita sem parar. (REZENDE, 2014, p. 14).

A busca por Cícero tem início e, com isso, podemos perceber que a desterritorialização e a reterritorialização não têm como enfoque chegar a um fim, mas propiciar ao sujeito uma abertura à experiência, ao múltiplo, ao heterogêneo. Neste sentido, ela vivencia um devir, “o processo de vir a ser” (CARNEIRO, 2013), que assume diferentes cores e entonações a partir do seu contato com a alteridade, pois no período dos quarenta dias de busca por Cícero a personagem traça caminhos que lhe possibilitam adentrar em espaços até então novos para ela, que, na caoticidade da urbe, em meio aos diversos estratos que se entrecruzam, metaforizam a multiplicidade e a complexidade na constituição da própria singularidade da personagem, que se vê agora como uma outra mulher:

Saí em busca de Cícero Araújo ou sei lá de quê, mas sem despir-me dessa nova Alice, arisca e áspera, que tinha brotado e se agasalhado nesses últimos meses e tratava de escamotear-se, perder-se num mundo sem porteira, fugir ao controle de quem quer que fosse. (REZENDE, 2014, p. 95)



Alice reconhece, empenhada em encontrar o desaparecido, realidades variadas e multiformes, que em sua grande maioria trazem à tona desenlaces nada felizes: “Eu descobria que o mundo era feito em grande parte de gente desaparecida, gente que não deu mais notícia e gente desesperada atrás ou a esperar conformadamente pelos sumidos.” (REZENDE, 2014, p. 69). O desprendimento de si em prol da alteridade, bem como o reconhecimento de si nesta alteridade, são ideais que regem toda a narrativa, pois ao passo que a personagem lança mão do conforto que tem à sua disposição no apartamento para fazer-se semelhante aos que, historicamente, foram marginalizados, como os nordestinos, as mulheres, os negros, os velhos, as prostitutas, podemos perceber que

A ideia do pós-modernismo em focalizar as margens não quer dizer mudar as posições: trazer a margem para o centro. A intenção é questionar essa disposição interno/externo, centro/margens e despertar uma consciência tanto estética quanto política existente nessas relações. (ARRUDA, 2012, p. 228).

Neste sentido, a literatura contemporânea oportuniza um espaço para questionamento acerca das instituições entre margem e centro, problematizando os limites impostos e que não há, necessariamente, a necessidade de trazer a margem para o centro, mas sim evidenciar que na margem há tanta potência quanto no centro. Ao adentrar nestes espaços marginais, durante os quarenta dias caminhando por entre vilas, becos e vielas, Alice traça para si um movimento de desterritorialização, o qual corrobora para a sua emancipação enquanto sujeito social que se encontra imerso em uma tensão constante entre a construção de sua singularidade frente à identidade que se impõe e se reitera diversas vezes: “[...] eu sem mais nenhum rumo, nem hábito, nem campanhas, nem vínculos neste mundo. Eu quem? Alice” (REZENDE, 2014, p. 84).

O estranhamento e a percepção acerca da falta de um território como unidade fazem a personagem adentrar, em diversos momentos, em reflexões de ordem ontológica e existencialista, de maneira a buscar compreender quem ela é ou no que está se tornando. Porém, sem chegar a um ponto de equilíbrio ou a um fim, pois

O território pode se desterritorializar, isto é, abrir-se, engajar-se em linhas de fuga e até sair do seu curso e se destruir. A espécie humana está mergulhada num imenso movimento de desterritorialização, no sentido de que seus territórios "originais" se desfazem ininterruptamente. (GUATTARI e ROLNIK, 1986, p. 323).



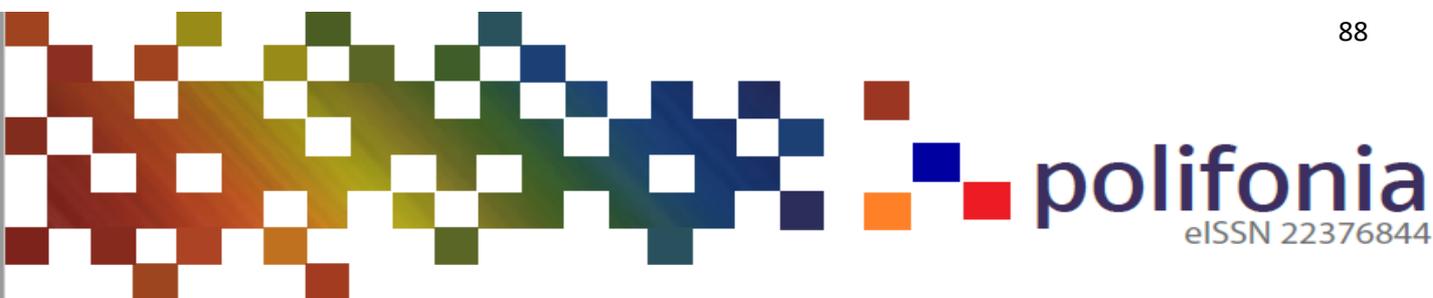
A protagonista traça para si linhas de fuga que possibilitam a criação de novos territórios, sejam eles físicos ou subjetivos, sobretudo a partir da relação com o outro, embora recorra a tais ações a partir de uma força motriz: o anseio para encontrar Cícero. No entanto, é importante observamos como essas constantes ações possibilitam um (des)encontro com a Alice traçada a partir da identidade apriorística: uma avó destinada única e exclusivamente a cuidar do neto, já “que havia chegado ao fim da sua vida própria” (REZENDE, 2014). Essa resignificação identitária nem sempre pode ocorrer de forma pacífica, já que se instaura a desestabilização de crenças há tempos solidificadas:

Pela primeira vez, desde que começou essa minha migração forçada, tive vontade de chorar e fiquei um bom tempo com a cara virada pra fora, fungando, querendo esconder as lágrimas, fingindo que olhava pela janela, vendo vagamente passarem avenidas e prédios que não me diziam nada, uns com essa cara de luxo padronizado que se espalha igualmente de Dubai a Xangai passando até pelo “edifício mais alto do Brasil”, em João Pessoa, outros em construção ou abandonados, sei lá, com aspecto de ruína, tudo tão misturado que a gente fica sem saber se a cidade está nascendo ou morrendo. (REZENDE, 2014, p. 99).

Neste momento, em que não tinha o diário por perto para extravasar o que sentia, os sentimentos da personagem emergem e vem à tona, demonstrando o embate tensional nos processos de desterritorialização e reterritorialização, já que ela compulsoriamente tem que exercer o primeiro movimento quando é trazida para Porto Alegre, em uma “migração forçada”. Nesta reflexão, Alice passa a visualizar os prédios da cidade e não consegue identificar se os prédios estão nascendo ou morrendo, percepção que corrobora para a ideia do devir, pois

[...] nunca acontece apenas a desterritorialização, ela sempre se constitui com a reterritorialização em um movimento duplo que constitui numa tentativa de recomposição de um território engajado num processo desterritorializante. (CARNEIRO, 2013, p. 40).

No romance, a figura de Cícero é o eixo central a partir do qual as ações da protagonista se desenvolvem; no entanto, vemos que a ausência do personagem simboliza muito mais o caminho traçado para a construção da subjetividade da protagonista, já que ela é constantemente submetida aos emolduramentos de uma voz coletiva. Porém, ao traçar as linhas de fuga, Alice deixa-se em muitos momentos esquecer do foco da sua



busca, fazendo-se valer dos caminhos agora descobertos, mesmo sem saber para onde eles a levarão, como meios de compreender a complexidade do ser e de desestabilização da realidade estratificada que vivencia a partir das vontades de Norinha:

Esses já não eram propriamente caminhos, eram sucessivos buracos, frestas, rachaduras na superfície da cidade pelas quais eu ia passando de mundo em mundo, ou era vagar por mundo nenhum [...] Acho que eu teria ido de qualquer jeito, só pra cair em algum mundo, sair daquele estado de suspensão da minha vida num entremundo, sem nem por um momento me perguntar como nem pra onde havia de voltar. (REZENDE, 2014, p. 102).

A narrativa tem seu desfecho após um longo percurso estabelecido por Alice na busca pelo desaparecido, quando, ao assentar-se em um banco de praça para descansar um pouco, ela percebe pingos de sangue no chão e vê que há um rastro de sangue no chão, que a conduz pela praça:

Entre no mato, movendo o foco da luz que já enfraquecia, procurei, nem sabia o quê, achei um celular caído no meio do capim alto, apanhei-o sem pensar e enfiei no bolso da calça, avancei mais um pouco até dar com a luz bem na cara de um homem ainda jovem, os olhos esbugalhados, os braços abertos em cruz, e a poça de sangue já seco, escorrido de um buraco num lado do pescoço dele, mortinho da silva. Não, ele não podia mais pedir socorro, nem eu, muito menos, não podia fazer nada por ele, mas não era capaz de deixar o coitado ali sozinho, fiquei lá, coisas malucas passando pela minha cabeça, até mesmo a ideia de que tinha, afinal, achado Cícero e como era que eu ia dizer aquilo à mãe dele?... Uma vontade de chorar... Até que a bateria do meu celular descarregou de vez e o morto sumiu na treva. Então, sim, o medo voltou pra valer, não do morto, coitado, mas dos vivos que a escuridão à volta podia esconder, de quem tinha matado Cícero, que era negro e não era Cícero, ou da polícia me achar ali e me levar como assassina. (REZENDE, 2014, p. 168-169).

A violência, enquanto temática e aspecto recorrente na literatura contemporânea brasileira, nos faz perceber como o espaço dos grandes centros urbanos tendem a ser ambivalentes, configurando-se como um meio que pode emancipar o sujeito, mas que também pode levá-lo ao destino que teve o homem que Alice encontra na praça. A partir da cena do corpo e de sua descrição, que não se sabe se é ou não Cícero Araújo, podemos estabelecer uma leitura frente aos movimentos que a personagem empreendeu até então, este contínuo ressignificar-se, desprender-se do território e vivenciar a constante reterritorialização a partir da desterritorialização, por meio da ideia da construção contínua da singularidade da protagonista.



## Considerações finais

Pensar a literatura brasileira contemporânea é pensar um meio de fazer evidenciar aspectos que por muito tempo foram marginalizados, como a construção das singularidades a partir da diferença, em uma perspectiva de desprendimento da identidade, do autêntico. Neste sentido, “[...] como *ruptura*, como *descontinuidade*, a *diferença* não pode ser representada sem se tornar uma inimiga do pensamento, isto é, o elemento perturbador de uma ordem ‘previamente’ estabelecida.” (SCHÖPKE, 2004, p. 23, grifos da autora).

Alice traça linhas de fuga a fim de se desprender das amarras impostas a partir de um inconsciente coletivo, compreendendo os limites que se impõem ao indivíduo a partir de seu gênero, sua raça, sua idade, dentre outros aspectos. Desse modo, as ações realizadas pela personagem exercem uma considerável influência sob a construção de sua subjetividade, embora não se chegue – e não é esse o enfoque dado a partir da filosofia deleuze-guattariana – a um ponto final, a uma identidade plena, estável e unificada, que é uma fantasia (HALL, 2014).

Podemos afirmar ainda, que o devir é o ponto no qual a protagonista experiencia uma série de sensações que até então eram distantes, como o abandono e a solidão, em um ideal altruísta, embora Cícero possa ser compreendido como uma metáfora da própria personagem, que para (re)encontrar-se, precisou traçar todos esses movimentos a fim de apreender o quão múltiplo e ao mesmo tempo singular se é.

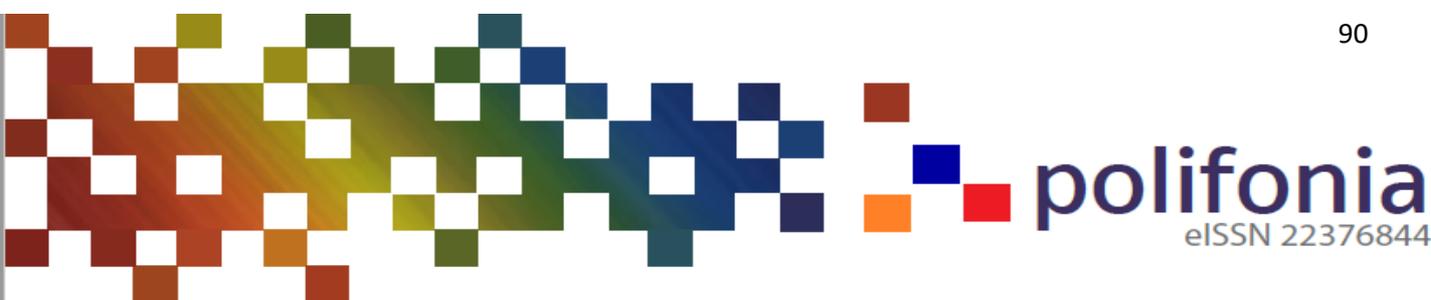
## Referências

ARRUDA, Angela Maria Pelizer de. Cultura e literatura contemporâneas: algumas abordagens do pós-moderno. *Estação Literária*, Londrina, v. 9, n. 1, p. 220-237, jun. 2012.

CARNEIRO, Altair de Souza. *Deleuze e Guattari: uma ética dos devires*. 2013. 116 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em Filosofia, Toledo, 2013.

DALCASTAGNE, Regina. *Literatura brasileira contemporânea: um território contestado*. Rio de Janeiro: Editora Horizonte/Editora da UERJ, 2012

DEL PRIORE, Mary. *História do amor no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2006.



DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*, vol. 3. Trad. Aurélio Guerra Neto, Ana Lúcia de Oliveira, Lúcia Cláudia Leão e Suely Rolnik. Rio de Janeiro: Editora 34, 1996.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. *Micropolíticas: cartografias do desejo*. Trad. Suely Rolnik. Petrópolis, RJ: Vozes, 1986.

GÜNZEL, Stephan. Immanence and Deterritorialization: The Philosophy of Gilles Deleuze and Félix Guattari. In: WORLD CONGRESS OF PHILOSOPHY, 20., 1998, Boston. *Contemporary Philosophy*. Boston: Paideia, 1998. Disponível em: <<http://www.bu.edu/wcp/MainCont.htm>>. Acesso em: 31 ago. 2018.

HALBAWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Trad. Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva & Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: Lamparina, 2014.

JEUDY, Henri-Pierre. *Memórias do social*. Trad. Márcia Cavalcanti. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1990.

REZENDE, Maria Valéria. *Quarenta dias*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2014.

SCHÖPKE, Regina. *Por uma filosofia da diferença: Gilles Deleuze, o pensador nômade*. São Paulo: EDUSP, 2004.

SOUZA, Pedro de. O esquecimento como condição da memória: a identidade em desabamento no ato do dizer. In: INDURSKY, Freda. *Discurso, memória, identidade*. Porto Alegre: Editora Sagra, 2000.